



## **Mulheres, alimentação e agroecologia**

VERGUTZ, CRISTINA L B<sup>1</sup>; BERNARDO, MARINA A T<sup>2</sup>  
cristina.vergutz@gmail.com<sup>1</sup>; marina.atb@gmail.com<sup>2</sup>

### **Eixo Temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia**

#### **Apresentação**

Na lógica de nossa sociedade patriarcal, machista e colonial, o papel da mulher é reforçado pelo ideário capitalista em que o ambiente doméstico, da casa, do lar é o primeiro espaço em que ocorre a diferenciação sexual dos trabalhos. É a destinação do espaço privado como território naturalizado da mulher e não como espaço de vida e de manutenção e garantia da existência, sem considerar a negação ao e do espaço público às mulheres, sendo este destinado aos homens, legitimando a opressão e a dominação de gênero, assim como também de raça e classe (SAFFIOTI, 2015).

Nessa perspectiva, a Articulação Mulheres e Agroecologia - AMA, realizou um evento com a temática Mulheres, Alimentação e Agroecologia, na Mercur, instituição parceira, como parte integrante da Semana dos Alimentos Orgânicos organizado pela Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo – AAVRP, com intuito de refletir sobre a importância do papel da mulher no cultivo, produção e manutenção da dieta saudável de toda a família, assim como, o entrelace problematizador com todo sistema opressor inerente nas relações sociais históricas e atuais.

#### **Contextualização da experiência**



A AMA surge em 2017 a partir de um Coletivo de Mulheres da Ecovale (Cooperativa Regional de Agricultores Familiar), com intuito de acessar o projeto Moeda Semente da Unicafes (União das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária), lançado pela ONU, com intuito de alcançar os 17 Objetivos do Desenvolvimento até 2030. Visando o empoderamento feminino, o objetivo do projeto era ofertar microcrédito para projetos socioprodutivos e coletivos de mulheres, como forma de possibilitar o alcance da cidadania financeira as agricultoras contempladas.

Entretanto, não contemplado pelo projeto, as reuniões que demandaram para construção das ações realizadas possibilitou a conscientização de algumas mulheres que perceberam a coincidência em suas demandas. Assim, em 2018, a AMA em parceria com o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia – CAPA, a possibilidade de acessar o Curso de Formação de Promotoras Legais Populares, projeto que busca capacitar mulheres rurais para auxiliar no enfrentamento de todos os tipos de violência



e com o objetivo de articular ações que deem visibilidade à luta das mulheres na região do Vale do Rio Pardo.

O Vale do Rio Pardo é composto por 23 municípios localizados na Região Central do Rio Grande do Sul, com predominância de áreas rurais e Agricultura Familiar Camponesa, conforme dados do IBGE (2010). Tendo em seu território a produção de tabaco e a presença imponente de todas as indústrias fumageiras transnacionais. Entretanto, a região também é marcada por um alto índice de violência contra as mulheres, de acordo com Lopes (2016) o Vale do Rio Pardo é a região do Rio Grande do Sul com maior índice de violência sexual no período de 2012 a 2015, ou seja, dos 4.054 estupros ocorridos no Estado 192 ocorreram na região.

Neste contexto, em que predomina uma cultura machista, capitalista e colonial fortemente engessada, torna-se fundamental o protagonismo e a valorização das mulheres como sujeitas de ações. Dentro desta compreensão o grupo da AMA, reúne-se uma vez por mês, com objetivo de promover ações em prol da luta das mulheres e, na Semana dos Alimentos Orgânicos da AAVRP/2019, promoveu o evento “Mulheres, Alimentação e Agroecologia”, também com o intuito de dar visibilidade a importância da mulher na manutenção da vida a partir da promoção de uma alimentação limpa, saudável e nutritiva.

### **Desenvolvimento da experiência**

O evento da AMA ocorreu no espaço do Laboratório Social Mercur, onde cerca de 100 pessoas, entre estudantes, professores/as, técnicos/as e agricultores/as, que se reuniram para discutir a importância da mulher na produção de alimentos e na promoção da Agroecologia. Assim, o encontro contou com a participação da palestrante professora da Universidade Passo Fundo, Cláudia Petry Ph.D. em Geografia pela Université de Paris I – Panthéon Sorbonne, e também das falas de representantes das Entidades que compõe a AMA, como a Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC e Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia - CAPA. Além de aberta a oportunidade de compartilharmos experiências, saberes e degustar sabores de alimentos.



**Figura 01.** Alunas da EFASC realizando mística de abertura

Inicialmente foi realizado uma mística por alunas da EFASC (Fig. 01), ao som da voz e violão da aluna do Bacharelado em Agroecologia da UEGRS, Bruna Richter Eichler, seguido pelas faladas de mulheres representantes do CAPA, da EFASC e da exposição do histórico e trabalhos dos desenvolvidos pela AMA. Na sequência foi veiculado um vídeo organizado pela integrante Marina Bernardo, a partir da resposta de mulheres agricultoras, estudantes e profissionais ligadas a área rural ao questionamento “o que difere sua luta da do homem?”.

Em seguida a Prof.<sup>a</sup> Cláudia Petry realizou sua fala destacando o protagonismo das mulheres na história da humanidade. “O ambiente doméstico é o primeiro ambiente onde ocorre a diferenciação dos afazeres femininos e masculinos, mantido pela construção social e histórica de que cabe à mulher a responsabilidade pelos afazeres da casa, pelo preparo da comida, pelo processamento dos alimentos, pelo cuidado com os filhos, doentes e idosos, além de todo processo reprodutivo, como gestação e amamentação, produtivo e comunitário”.

Este protagonismo entra em contradição e necessita problematização a partir da identificação de que as mulheres, além do trabalho da manutenção da vida e da existência, estão sobrecarregadas pela dupla ou tripla jornada de trabalho articulando ao trabalho doméstico e do cuidado, o trabalho remunerado, explorando as mulheres duplamente: pelo capital e pelo patriarcado. O que para Saffioti só se apresenta com possibilidade de transformação quando há “mudanças cruciais nas relações sociais mais amplas” (Saffioti, 2015, p. 114). E a agroecologia aponta para isto!

Na sequência o evento abriu espaço para falas e, dentre elas, uma das participantes, Erna Pelzer, levantou a questão da invisibilidade da luta das mulheres idosas. Assim foi possível a junção de mulheres em um processo de convivência coletiva, com intuito de se juntar, dialogar e conversar e, dessa forma, o sucesso foi coletivo.

## **Desafios**



Diversos foram os desafios, mas que enfrentados de forma coletiva e participativa tornaram possível à realização do evento. O primeiro deles foi à ocorrência do próprio evento, demandando reuniões especiais para organização e o comprometimento das integrantes com os trabalhos para sua concretização, já que todas são mulheres e estão imersas na manutenção da vida de muitos ao seu redor, articulando trabalho doméstico e de cuidado e vida profissional.

Apesar de acoplado à SEO da AAVRP, o que facilitou a divulgação, o maior desafio foi convidar, e porque não dizer convencer, as mulheres do meio rural para que participassem do evento, pois muitas alegaram que não poderiam deixar os afazeres. Outro empecilho era a distância dos Núcleos da AMA, como o grupo de mulheres que residem em municípios não limítrofes, como as residentes em Cachoeira do Sul – RS.

Ademais, outro grande desafio, além dos custos com o deslocamento da palestrante e local para que ocorresse o evento, foi a organização e disponibilização de lanches que suprisse a demanda. Além, claro, do ajuste necessário para aproveitar o momento para contextualizar e conscientizar as pessoas presentes sobre alimentação limpa, nutritiva e livre de agrotóxico frente a toda a conjuntura do território.

### **Principais resultados alcançados**

A agroecologia se materializa a partir da resistência ao modelo hegemônico imbricado por uma sociedade capitalista, patriarcal e colonial e, nesse viés, ações que vão ao encontro da lógica do processo hegemônico do machismo e fortalecimento das mulheres restauram as relações ecológicas existentes. Assim, o principal resultado do evento foi a quebra do paradigma de que não há reação em uma sociedade que silencia e inviabiliza a luta das mulheres. O evento ocorreu (Fig. 02), desafios superados e teve frutos.



**Figura 02.** Público participante



As reuniões especiais para organização e o comprometimento das integrantes serviram para unir e fortalecer as integrantes da AMA, na perspectiva de que a divisão das responsabilidades ocorreu de forma equiparada. Inclusive, de uma delas, surgiu o desejo coletivo da criação de camisetas com o slogan do grupo, o que foi melhorado por uma das integrantes em parceria com seu companheiro e assim intensificou o sentimento de pertencimento ao grupo. Seguido por outras mulheres que participaram no evento e também demonstraram interesse em adquirir.

Diante do empecilho da distância dos Núcleos da AMA, como o grupo de mulheres que residem em municípios não limítrofes, como as residentes em Cachoeira do Sul – RS, foi resolvido através da mobilização coletiva e auto organizativa do grupo que buscou apoio da Secretaria da Agricultura Municipal, solicitando uma *van* para o transporte das participantes. O que possibilitou a participação de agricultoras no evento, mas ainda não como inicialmente desejado. O imprescindível foi que estas agricultoras se agregaram ao Núcleo e começaram a participar nas reuniões no município, o que, com certeza, este é um grande avanço para fortalecer e enraizar as ações do grupo nessa região.

O local para que ocorresse o evento e os custos com o deslocamento da palestrante, foram supridos por entidades parceiras, como o Centro de Apoio aos Pequenos Agricultores possibilitou o custeio e o Mercur que cedeu o local para o encontro. Quanto à organização e a disponibilização de lanches que suprisse a demanda, foi alcançado a partir de colaboração do coletivo de mulheres com pães, geleias, bolos, frutas, pastinhas, entre outros alimentos e sabores.

Acima de tudo, acreditamos que esta ação planejada, articulada e realizada trouxe para o debate e reforçou no grupo de mulheres da AMA a compreensão de que as mulheres são produtoras de conhecimento, mesmo que invisibilizado ou compreendido como não existente, as mulheres possuem epistemologias muito singulares fruto de sua constituição histórica vinculada à reprodução e a produção da vida. É o que Gebara (2015) define como “epistemologia da vida ordinária” ou “epistemologia do cotidiano” que se materializa na rotina diária das vidas estando inerente à condição humana.

### **Disseminação da experiência**

O evento Mulheres, Alimentação e Agroecologia mostra que, de forma regional, é possível nos organizarmos enquanto coletivo em defesa dos direitos das mulheres e em prol da visibilidade da luta das mulheres, como um trabalho de promoção da vida e possibilitando a construção de outro mundo, amparado no respeito, valorização e fortalecimento da mulher como protagonista de sua vida. Ademais, possibilitou a disseminação de saberes e sabores relativos à singularidade e diversidade da realidade de todas as integrantes.

Entretanto, reconhecemos que há uma longa caminhada a percorrer no processo de convivência coletiva, mas a ocorrência deste evento foi um marco para futuras ações do coletivo, divulgado nas redes sociais, jornais impressos, portais de informações,

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte na  
Democratização dos  
Sistemas Agroalimentares



TV e rádio, com a importante parceria da imprensa regional. Assim, o fortalecimento da AMA como espaço plural vem se constituindo um ganho fundamental ao debate da Agroecologia na região.

### Referências Bibliográficas

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (orgs). **Epistemologia, Violência e Sexualidade**: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015.

LOPES, Marília Cardoso. **Nenhuma história é permanente**: uma análise sobre a violência contra as mulheres no Rio Grande do Sul entre os **anos de 2012 e 2015**. Dissertação - Programa de Pós Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.